



**eu, você
e nossos
delírios
cromáticos**



Gabriela Estefam nasceu em 1995 em São Paulo. É arquiteta e curiosa incansável. Capaz de tornar qualquer coisa um assunto. Sente grande prazer em frequentar bares, restaurantes e cafés onde é chamada pelo nome. Distribui opiniões não solicitadas para amigos e conhecidos. Puxa assunto com estranhos em lugares públicos. Possui um compromisso com as próprias contradições e vê graça nisso. Número 2809 é seu segundo livro.



GABRIELA ESTEFAM

NÚMERO 2809

Editora
Cásper

GABRIELA ESTEFAM
**NÚMERO
2809**



Editora
Cásper

Gabriela Estefam reuniu em sua primeira obra, *Uma Festa, o vazio*, diversos contos inspirados em situações vividas e imaginadas por ela, além de cartas sobre pessoas importantes em sua vida. Nele, ninguém é identificado; todos viraram números.

Composto por textos que acabaram não entrando no primeiro livro, *Número 2809* traz outro foco de análise: a própria Gabriela.

Os contos esquecidos nos permitem conhecer um lado ainda mais íntimo e profundo da jovem escritora, já que não passaram por edição alguma.

Ela e apenas ela.







Copyright © Editora Cásper, 2021.
Número 2809 © Gabriela Estefam, 2021.

EDITORAS

Analuá Baptista da Silva
Diovanna Mores Monte
Julia Brito Maciel

ILUSTRAÇÃO

Analuá Baptista da Silva

PROJETO GRÁFICO

Analuá Baptista da Silva
Diovanna Mores Monte
Julia Brito Maciel

REVISÃO

Diovanna Mores Monte

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

X000a

Estefam, Gabriela

Número 2809 [texto e fotografias de] Gabriela
Estefam. – 1. ed. – São Paulo: Editora Cásper, 2021.
90 p. ; 23 cm.

ISBN 978-00-0000-000-2

1. Contos brasileiros. I. Título.

2021-XXX

CDD: 869.1

Índice para catálogo sistemático:

1. Contos: Literatura brasileira 869.1

Todos os direitos dessa edição reservados à:

Editora Cásper
Avenida Paulista, 900
CEP 01033-001 São Paulo – SP, Brasil

NÚMERO 2809

GABRIELA ESTEFAM

1ª edição | São Paulo | 2021

Editora
Cásper



*Para todos aqueles que
têm coragem de sentir.*



“Nós somos capazes de fazer coisas difíceis - como estar vivo e amar profundamente e perder tudo.”

– Glennon Doyle, *Indomável*.





SUMÁRIO

Porque preciso	10	Isabella	58
Solidão ou solitude?	12	Sofia	60
Você disse que não valia resposta escrita, eu fiz mesmo assim	14	Terapia de casal	62
Para todos, com amor	16	Controladora	66
Velório	20	Manga com manjeriço	68
Cadeira	22	Pauta	70
São Paulo	24	Dedicatória que escrevi em um outro livro	72
Criança	26	Pedro	74
Rafael	30	Matheus	76
Momentos que jamais poderiam ser construídos	32	Você Me Pergunta - Adriana Calcanhotto	78
Exercício #3	36	O desafio	82
Leandro	38	Não sei	84
Dançar	42	Lá Vou Eu - Zélia Duncan	86
Poligamia	46	Lábios	90
Baby - Gal Costa	48	Dia dos pais	92
A paz de sentir-se louco	52	Estranha	94
Impotência	56	É preciso continuar	96



Para todos,
com amor

Meus livros estavam por aí, emprestados passeando pela cidade, nos olhos, nas mãos e nas estantes de amigos, perto de outros livros e objetos queridos por pessoas queridas. Quando a gente ama é assim – a gente sem perceber começa a amar um pouco de tudo aquilo que circunda aquele universo, ainda que não consiga compreender a dimensão do todo ou dos vários todos de todos os amigos, porque são muitos, sorte a minha.

De repente eu me encontro amando em larga escala – amo através de fronteiras que desconheço, para além das portas e paredes das casas dos amigos cuja morada ainda não visitei. Amo com a vontade de tudo que faremos e amo com a saudade de tudo que deixamos de fazer esse ano. Amo com a dor de todos encontros e gargalhadas que aconteceram pela tela, sem toque. Amo através das mensagens, das ligações, dos vídeos, mas amo principalmente através das palavras que eu tanto escrevo. Amo a estrada de Campos do Jordão que Pedro e Marina percorrem a cada mês, amo o almoço de domingo que a Érica faz e ainda não experimentei, amo o churrasco do Jorge na beira da piscina de Americana, amo a mussarela fresca que a Beta puxa e repuxa na serra do Rio, amo o estacionamento esquisito da casa de Uberlândia onde Pedro usa regata, amo as prateleiras industriais e o chuveiro do apartamento em Florianópolis que o Gab passou o último dia do ano arrumando.

Amo o banco do passageiro do carro da Juliana, amo a banqueta do escritório do Augusto, amo a escada que leva para o apartamento da Clara. Amo a varanda da Isabella onde ainda não dancei e amo também a cozinha da Paula onde ainda não fizemos drinks. Amo a janela da Isa na Vila Madalena, ainda que não tenha olhado através dela; e amo o violão da casa da Helena, ainda que não o tenha escutado ressoar; amo o endereço de Itu onde o John parece finalmente respirar fundo, ainda que não tenha sentido o cheiro da grama.

Amo o apartamento que ficou vazio em Milão porque o Luís voltou. Amo a poltrona Moleca da sala do Julio e da Mari e o couro nunca tão macio quanto o abraço depois que a porta abre. Amo os janelões da rua Bahia, mas amo mais ainda a guacamole que a Bia e o Enrico fazem quando visito. Amo as plantas na sala da Vitória e do Fabio, mas não tanto quanto os olhos que sempre sorriem. Amo o bonsai de amoras no quarto do Matheus e amo lembrar quanto fui amada ali.

Amo a luminária do André que já estava na sala no primeiro dia em que ele se mudou, quando visitamos. Amo o apartamento da minha irmã que ainda não visitei, mas não tanto quanto amo esse reencontro. Amo a casa de campo da Silvinha e do Beto e amo as memórias que me afagam toda vez que abro a janela do meu quarto. Amo a árvore de mexericas da frente de casa, mas não tanto

PARA TODOS, COM AMOR

quanto amo poder compartilhá-las com Victor, com a Carol e com a Clara.

Amo o apê da Fernanda que ainda não decoramos e amo o tapete da sala do Luiz que ajudei a escolher. Amo a casa nova da Bárbara e do Gustavo e como eles me contaram durante aquele encontro no café que amamos. Amo aquele café, mas não tanto quanto amo todas as pessoas com quem compartilhei cafés ali.

Amo o quarto da Maya e a cama que desenhamos para ela. Amo a casa da Natália em Sorocaba, mas amo mais ainda quando ela precisa de um lugar em São Paulo. Amo o lugar para onde a Ju vai se mudar, ainda que seja só um plano, mas porque sabemos que serão menos quilômetros de distância. Amo o quarto do Rafael ainda que não tenha mais cômoda. Amo a sala onde Pedro ouve Marcos Valle, mas amo mais lembrar de quando ele veio cantar na minha.

Amo a primeira morada da Nana e do André e amo todos os jantares que faremos ali. Amo a luz que entra na sala da Agatha em Stamford e o toca-discos do Tyler. Amo o quarto da Vithória em Dublin, ainda que sinta muitas saudades do quarto dela aqui. Amo a sala enorme da dona Adriana e amo a ligação que fizemos em um dos primeiros dias que elas foram lá. Amo o quarto do Deco porque ele está ocupado e amo o do Rafa ainda que esteja sempre com o ar ligado.

Amo também a minha casa, é verdade, mas amo um milhão de vezes mais quando meu cachorro late pra avisar que chegou gente. Amo quando divido o escritório, quando divido a cama, quando as escovas de dente se acumulam. Amo quando o quintal está abarrotado e amo quando a pia fica cheia de louças porque vieram pessoas demais. Amo quando a gente identifica os copos desenhando com a caneta vermelha.

Amo quando a gente canta alto, quando a gente ri alto, quando a gente se esbarra, quando a gente se toca, quando a gente se abraça. Amo quando a gente bebe junto, quando a gente chora junto, quando a gente fica em silêncio. Amo as conversas longas e profundas, mas também amo as repetidas e engraçadas. Amo as piadas internas, amo o universo compartilhado com cada um. Amo ainda que não possa fazer nenhuma dessas coisas, ainda que à distância, ainda que sem saber quando vamos encontrar.

Amo desse jeito atrapalhado, espalhado, exagerado. Diferente de todas as coisas na minha vida, amo sem me preocupar. Amo sem medo de amar demais e tento amar sem medo de demonstrar demais. Amo sem medo de perder e às vezes, com sorte, amo sem medo de conflito. Amo ainda que seja competitiva e por vezes egoísta. Amo ainda que erre, ainda que magoe. Amo porque não entendo outro sentido para a vida que não esse e, se houver, peço que não me contem, porque amo amar desta forma e só consigo viver assim.





Criança

Tinha uma criança na cozinha. Ela se preocupava com a louça, com as coisas na geladeira; ela se preocupava em fazer comida; ela acordava todos os dias e se servia o café da manhã.

Tinha uma criança na sala e ela olhava pela janela; ela deitava no sofá e assistia horas e horas de televisão; ela se tocava no sofá, ela dormia no sofá; ela encontrava conforto ali.

Tinha uma criança no chão da sala e ela brincava. Tinha uma criança no corredor e ela escalava as paredes. Tinha uma criança que deitava de cabeça pra baixo só pra olhar a casa e ver como o espaço era diferente daquele ponto de vista.

Tinha uma criança no quarto e ela não queria dormir sozinha. E depois ela queria dormir sozinha. E depois ela tirou a porta desse mesmo quarto e depois ela precisou de uma porta de novo. E depois a cama ficou maior e num dado momento a cama foi um sofá cama. Ela pintou as paredes do quarto e depois pintou de novo. O quarto ganhou uma bancada, uma prateleira. Depois o quarto virou outro quarto e aumentou. E depois aumentou ainda mais. E agora o quarto virava uma galeria dos sentimentos.

Não era mais uma criança, mas adornava com flores, com quadros, com frases, com músicas, com materiais, com cor, com textura. Só que tinha levado até ali, até esse último quarto, até esse quarto do agora, uma série de objetos daquela criança que estava sentada na sala, da criança que gostava de brincar de lavar louça, de cantar no box do banheiro. Tinha carregado sem perceber, sem saber o peso dessas coisas.



CRIANÇA

Tinha uma criança, mas hoje não tem mais. E hoje as roupas de criança não servem mais; as aflições de criança não servem mais; as proteções de criança não são mais necessárias.

Tinha uma criança e ela teve trauma e teve afeto e teve alegria demais - e ficou com medo de sentir alegria demais. Ficou com medo de ser inteligente demais, de ser bonita demais, de ser amada demais; de falar demais, de colocar demais, de querer demais. E não tinha mais a criança, mas ainda tinha o medo de tudo que é bom demais. De tudo que se quer e do que se consegue também. Medo de ser e de se bastar, mas de querer o outro ao mesmo tempo.

Já não precisava mais de tantas coisas que ainda carregava e essas coisas já não davam mais conforto, elas agora impediam ou tomavam espaço de outras coisas que poderiam ser ainda melhores se as primeiras não estivessem ali. Mas tinha muito medo de abandonar todos esses medos e proteções, essa criança. O sofá, a sala, o corredor, o box, a cozinha, a louça, o quarto - todos aqueles espaços eram íntimos e familiares - e o mundo é muito mais do que os limites da nossa casa, do que os limites do nosso corpo, do que os limites da nossa existência e da nossa consciência. O mundo é muito mais que a gente, só que dói explodir.





Você Me
Pergunta-
Adriana
Calcanhotto

*Você me pergunta
Tantas coisas
Se pode beijar meu amigo
Ora, você minha amiga
É livre pra ir e vir como quiser*

*Se queres voar
Bem livre, bem solta
Teu voo é lindo
O meu voo é lindo
Apoio cada passo e gesto seu
Que bem quiser*

*Pode beijar e ir com todo mundo
Mas por que pergunta tanto sobre as outras pessoas?
E pode até ser que por um breve segundo
Possa se convencer
Que não queria estar aqui
Sinto que você foge do querer*

*Com as minhas mãos domando o seu cabelo
Eu gosto muito da forma que você toca o meu cabelo
E com o meu corpo descobrindo o corpo inteiro
Até você cansar
E o Sol testemunhar nós dois*

*Mas quando pergunta
Se esquece que eu não te divido
Eu não queria ser possessiva assim
Só vou em par e quando vou
Mas nós nos descobrimos e conhecemos sendo dois
Eu não quero saber de olhar pra trás*



VOCÊ ME PERGUNTA - ADRIANA CALCANHOTTO

Por isso, meu bem

Te amo de longe e te admiro

Não é de longe, não; é bem de perto

Porque se dividir tão bem com mais de um

Exige força e muito mais

Exige desapego e por você eu não tenho

Pode beijar e ir com todo mundo

Mas pode ir

E eu quero ver seu corpo em gozo com outros corpos

E pode até ser que por um breve segundo

Mas no fundo você sabe

Possa se convencer

Que não queria estar aqui

Você quer estar aqui

Com as minhas mãos domando o seu cabelo

E com o meu corpo descobrindo o corpo inteiro

Eu sempre tive curiosidade de te tocar; de me descobrir

Até você cansar

Quantas vezes já não nos cansamos um do outro?

E nos queremos mesmo assim

E nos queremos perto mesmo assim

E o Sol testemunhar nós dois

Você me pergunta

Se pode beijar meu amigo







Projeto desenvolvido para a disciplina Design Editorial – Módulo
Impresso do curso de Jornalismo da Faculdade Cásper Líbero,
sob orientação da Profª Drª Cândida Almeida.

